

A importância da babá na construção da subjetividade

The role of the nanny in the construction of subjectivity

Regina Celi Bastos Lima*

Resumo: A partir de uma compreensão psicanalítica, o texto apresenta uma breve pesquisa histórica e psico-sociocultural da personagem babá na dinâmica doméstica e afetivo-emocional da atual família brasileira. Destaca a íntima relação vivida, entre a babá e o bebê/criança, refletindo sobre a influência dessa experiência na construção da subjetividade da criança e questiona o “apagamento” desse assunto na literatura psicanalítica.

Palavras-chaves: relação babá-bebê, dinâmica familiar, construção da subjetividade.

Abstract: *From a psychoanalytical perspective, the text features a brief historical and psycho-socio-cultural research concerning the nanny as a personage within the current Brazilian family and her role in the domestic affective-emotional dynamics. The article highlights the intimate relationship between the nanny and the baby/child, pondering over the influence of this experience on the construction of the child's subjectivity, and calls into question the “absence” of this theme in the psychoanalytical literature.*

Key words: *nanny-baby relationship, family dynamics, construction of subjectivity.*

* Psicanalista; Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro; Grupo de Pesquisa dos Primórdios da Vida Psíquica.

Na literatura psicanalítica não se encontram muitos escritos sobre a babá apesar de, frequentemente, escutarmos, na clínica, relatos de pacientes, que destacam nas suas histórias, durante o processo analítico, a presença real ou fantasmática dessa personagem em suas vidas. Considero de grande relevância este tema para refletirmos a relação tão íntima vivida, entre a babá e/ou governanta (às vezes enfermeira) e o bebê e/ou a criança, na primeira infância. Com os referenciais do saber psicanalítico, pretendo refletir sobre essa relação nos primórdios da vida psíquica e sua importância no processo de construção da subjetividade. Tenho clareza de que esta relação poderia ser também objeto de estudo de outros saberes como: a Filosofia, a Antropologia, a História e a Sociologia, considerando a existência e a importância histórica da babá/governanta, que vem ocupando diferentes lugares sociais na família, desde o início da modernidade até a posição sociocultural que ocupa na contemporaneidade.

Minha inspiração repousa na compreensão de Winnicott sobre a natureza humana expressa na sua teoria do amadurecimento pessoal – O bebê, ao nascer, necessita que alguém no mundo seja seu anfitrião, acolha seu gesto, estabelecendo as condições adequadas ao “acontecer” humano numa amostra temporal de desenvolvimento. A partir desse encontro primordial, no universo da identificação primária, a mãe e o bebê formam uma unidade. Os cuidados contínuos, singulares, ofertados por um meio ambiente confiável e facilitador “possibilitam inúmeras experiências éticas que serão os fundamentos do estabelecimento e do devir do self do ser humano” (SAFRA, 2013). Winnicott assinala que, nesse início da vida, o primeiro ambiente é a mãe, possibilitada pela condição especial que vive nesse período – preocupação materna primária – para atender às necessidades do seu bebê que se encontra na condição de dependência absoluta. Nomeia a mãe de “mãe devotada comum” e mais tarde de “mãe suficientemente boa” enfatizando a presença da mãe real, mas aponta também, em vários textos para a possibilidade de uma “mãe substituta”. Nesse solo fértil, a criatividade emerge e enraíza no bebê um sentimento gradual do “si mesmo” e, ao mesmo tempo, a construção de um “uno” integrado, internamente e com o ambiente, sustentando dessa forma sua existência.

Penso que este cenário, para receber o novo ser humano no mundo, está em transição em muitos aspectos. Winnicott desenvolve sua teoria, a partir dos anos trinta do século XX, no contexto pós-vitoriano de Londres, onde a família ainda era regida por uma sociedade patriarcal que proclamava um “puritanismo” moral e ético. Era delegada à mãe a responsabilidade de se incumbir dos cuidados da casa e gerenciar a governanta e/ou a “babá” que

tinham como função “cuidar” dos seus filhos. Ao pai, era delegada a função do trabalho rentável que garantia as despesas da casa e “a estabilidade” da família. A mulher da elite ou da classe média “protegida no lar” era uma “escrava social” e “serva” da burguesia. Porém, poucas mulheres revelavam suas frustrações. Resumidamente, esse era o modelo vigente da família ocidental – célula da base da sociedade.

A psicanálise, sendo um produto da cultura contribuiu, de alguma forma, para tornar a mulher (a mãe) no personagem central da família sob a “proteção” do homem (o pai), na sociedade moderna patriarcal. Nesse momento histórico, Freud desenvolve constructos teóricos muito bem sustentados, demonstrando que a base do psiquismo humano é construída na primeira infância. Os pós-freudianos Klein, Winnicott e Lacan, reafirmam que as experiências do bebê/criança vividas neste período são os avatares da subjetividade. Apesar de partirem de matrizes clínicas, construções teóricas e até da compreensão da natureza humana diferentes, os autores vão dar a mãe, um papel fundamental neste processo. Desta forma, reforçam no imaginário social da época, a importância da mulher permanecer em casa acompanhando o desenvolvimento de seus filhos.

No entanto, a sociedade, hoje, vai na contramão da “harmonia” desse universo. A família nuclear já não é a mesma na atual sociedade capitalista e individualista. A cena doméstica modificou. O homem não é mais o único provedor. Não há mais destaque ao “pai da lei” e “a mãe do cuidado do lar”. Minha reflexão, neste trabalho, será no sentido de compreender as relações da família, especialmente da família brasileira – formada por pais, filhos e a babá – que não mais encarnam os valores sociais tradicionais relatados acima e vêm tentando construir novas formas de organização das funções familiares. Acredito que ainda vivemos as consequências dos discursos moralizantes e éticos que permearam a sociedade moderna. Pois, diante dos novos arranjos na distribuição das funções do casal parental, nos cuidados com os filhos e com a casa, percebemos uma insegurança, uma instabilidade emocional na família, hoje. O sofrimento é grande para sustentar a luta contra os discursos conservadores, preconceituosos e contra as narrativas aprisionantes do desejo, principalmente, do desejo da mulher.

A partir dos anos 70 até hoje as mulheres vêm tentando conciliar a maternidade à realização pessoal, lutando por direitos e liberdade, na contramão dos preconceitos. Considerando as transformações na sociedade ocidental contemporânea, pretendo refletir sobre a posição da mulher brasileira, que exerce hoje

sua vida pública, trabalhando, estudando e, ao mesmo tempo, construindo sua relação, afetivo-emocional, com a maternidade. Muitas vezes, essas mulheres necessitam voltar ao trabalho, após três ou até duas semanas do parto. Essa situação está presente na vida das mulheres de diferentes classes sociais, obviamente, com características específicas. As crianças ficam aos cuidados do pai, avós, vizinhos ou de diferentes cuidadores – destaco aqui a babá, muito presente na classe média no Brasil. E, com ela, vislumbramos nas famílias, um cenário denso e tenso nas relações entre os membros, de caráter social e afetivo. Essa situação é marcada por desigualdades de toda ordem e por emoções ambíguas. Essa complexa questão está muito perto de todos nós. Nas nossas famílias, na vizinhança, nos parques, nas ruas e nos nossos consultórios mas, geralmente, essa relação com a babá é, frequentemente, “apagada” nas conversas do cotidiano e não vemos destaque nas reflexões teóricas que abordam questões sobre o amadurecimento dos bebês e das crianças na atual sociedade brasileira.

Será importante pensar essa situação, no âmbito familiar e, no âmbito social mais amplo, circunscrevendo a relação mãe/ bebê / babá. Uma realidade se impôs: a mãe sai para trabalhar e é a babá quem “cuida”, por muitas horas, do bebê ou da criança. Nesse momento, perguntas me surgem: este novo arranjo sinaliza uma nova triangulação? Que novos arranjos e/ou rearranjos psíquicos, a criança lança mão, diante desse cenário, na construção de sua subjetividade? Faço agora um recorte no texto, apresentando alguns comentários feitos a mim por diferentes pessoas e, por diferentes profissionais, que nortearam meu pensamento e o desejo de escrever esse trabalho:

Num parquinho, uma grande quantidade de babás cuida de diferentes maneiras, dos “seus bebês”. Uma mãe, que brincava com sua filhinha, comenta num tom de crítica: *“Onde estão essas mães !?... São nessas brincadeiras, que eu e minha filha mais nos ‘curtimos’”. Decidi parar de trabalhar, por um tempo, para cuidar só dela...”*

Ouvindo uma palestra de um pediatra anoto o que ele declara com certo espanto: *“... muitas vezes, mesmo quando a mãe está presente na consulta eu, naturalmente, me dirijo à babá para uma informação mais precisa sobre há quantos dias a criança está com febre e demais sintomas percebidos...”*

Uma organizadora de eventos de um famoso clube no Rio de Janeiro, fazendo um levantamento dos nomes dos convidados do aniversário de uma criança, observou que precisou trocar um número considerável de nomes dos pais das crianças convidadas pelos nomes de suas babás, pois, quem as levariam à festa seriam as babás.

Na fila de um supermercado, duas babás conversavam e, de repente, escuto essa fala num tom angustiado: “... *sei que amanhã Julia não vai comer nada! É o meu dia de folga. A Dona Fernanda desiste logo, fica com pena e para de dar a comida. Às vezes, levo a Júlia para passar o fim de semana comigo, na minha casa.*”

Uma colega me relata um caso em que uma criança de dois anos e meio parou de falar logo que a babá foi mandada embora. A saída da babá foi em função da mãe ter descoberto que seu marido, o pai da criança, estava tendo um caso com a babá.

Uns pais me procuram preocupados com a filha de oito anos e sua relação com a babá. Clara não dormia sem a babá. Resolveram dar um cachorro que ela queria muito se liberasse a babá. Deram o cachorro, mas a situação se agravou. Clara, que era muito “doce” passou a ter um comportamento muito agressivo. Na primeira sessão clara fez dois corações, pintou-os de vermelho e disse: “... *um é meu e, o outro, é da Rosa minha babá ... é a pessoa que eu mais amo no mundo*”.

Essas narrativas reafirmaram, para mim, a importância de se refletir psicanaliticamente sobre as questões teóricas sinalizadas acima, envolvendo a tríade “mãe - bebê - babá”. Com as transformações visíveis dos modelos de família e, paralelamente, da mulher, a situação vivida por essas mulheres ganhou, hoje, visibilidade e maior atenção, principalmente, dos psicanalistas e dos sociólogos. Esse tema foi bem desenvolvido e expandido por Elisabeth Roudinesco no seu livro “A família em desordem” (2002) e por Elizabeth Badinter com o seu livro “Um amor conquistado: o mito do amor materno” (1985), que apontam para importantes mudanças na posição social da mulher no mundo atual enriquecendo nossa reflexão.

Roudinesco desconstrói a família patriarcal, mas traz, de forma muito consistente e desafiadora, as dificuldades que hoje são enfrentadas pelas “novas famílias”. Badinter enfatiza, no seu texto, que as mudanças ocorridas e, bem vindas, na evolução do lugar da mulher na sociedade não foram capazes de quebrar com o “mito da maternidade”. As mulheres continuam sobrecarregadas e cobradas a serem perfeitas no cumprimento dos deveres maternos, sendo acrescentado aos seus ombros, uma tonelada de culpa por estarem fora de casa, colocando em risco o desenvolvimento afetivo-emocional de seus filhos. Badinter milita pela multiplicidade dos modelos maternais e critica a existência do “instinto materno”. Badinter critica, intensamente, a psicanálise por reforçar este olhar preconceituoso da sociedade para a mulher no que diz respeito à sua feminilidade e sua maternidade. Porém, Badinter, na minha

compreensão, em alguns momentos de sua tese demonstra uma total incompreensão sobre determinados conceitos psicanalíticos e, principalmente, conceitos desenvolvidos por Winnicott que destacarei mais adiante.

A mulher brasileira pós-moderna, que sai para trabalhar deixando seu bebê em casa, frequentemente, desenvolve uma relação muito peculiar com a babá. O par, hierarquia social/intimidade está sempre presente na relação entre a mãe e a babá. Esse par, no dia a dia, é atravessado por emoções ambíguas. São vivências, simultaneamente, antagônicas e complementares. Acredito que essa questão, que transparece desigualdades de toda ordem, tem raiz na nossa história sociocultural determinando o lugar social das mulheres na trajetória do Brasil colonial até os nossos dias. Sabemos que as sociedades humanas se constroem a partir da importação e exportação de objetos, imagens, linguagens e narrativas. Esses elementos, vão se expressar, numa nova cultura, em diferentes áreas: na ética, na fala, na linguagem, na alimentação, no vestuário e que, de forma silenciosa, oculta, se instalarão no imaginário social e na subjetividade do ser humano.

No Brasil, destaco a miscigenação que nos constituiu. Elementos de três culturas – branca, indígena e negra – se combinaram e, naturalmente, se refizeram, formando a raiz híbrida de nossa configuração cultural. Os negros, na condição de escravos, por diversas razões, eram instalados nas senzalas próximas às Casas Grandes. Alguns escravos, na grande maioria, mulheres e crianças, eram escolhidos para viverem, na intimidade, sob o mesmo teto dos seus “senhores”. Cuidavam de toda a casa e dos filhos do “sinhô” e de “sinhá”. Surgiram daí as mães-de-leite. A leitura de Casa-Grande e Senzala (FREYRE, 1984) reforçou em mim o desejo de escrever sobre a importância das babás, representantes hoje das sempre lembradas “mãe preta”.

Na literatura brasileira, a partir do séc. XIX até o século passado, era grande a presença da figura da “mãe preta” – escrava negra ou mulata escolhidas para serem “amas-de-leite”. Escritores, poetas e jornalistas escreviam sobre a importância dessa personagem na família. A imprensa destacava essa prática, mobilizando questões políticas e sociais. Médicos higienistas surgiam (geralmente de herança escravocrata) alertando para o perigo de “contágio” transmitido pelo leite, enfocando, não só doenças, mas

preservando os brancos da contaminação e corrupção moral que a presença de negros introduzia na casa senhorial. Reportagens impregnadas de ódio, escritas segura-

mente por homens, que na infância, foram embalados junto aos seios das amas. Apreços eram dirigidos ao seio materno branco e limpo da mãe-senhora (mãe tem uma só) (SANDRE, 2003).

Foi a partir dessas campanhas que a “mãe-de-leite” deu lugar a “ama-seca,” – “criadeira de crianças”, que se transformou na babá de hoje. Essas questões marcaram todo período colonial até o início do século passado, revelando um romance familiar dramático, contaminado por sórdidas tramas sociais que já apontavam para o impacto dessas práticas na psique das crianças, na subjetividade dos brasileiros.

Naturalmente, nas experiências íntimas, cotidianas vividas entre a ama-de-leite/ama-seca e os bebês/crianças, os elementos culturais híbridos eram transmitidos, atravessados também pela pressão política-social vigente, “de mãos dadas” com o sistema patriarcal brasileiro. O sociólogo Gilberto Freyre descreve, com detalhes no seu livro, as influências e as conseqüências desse universo na nossa cultura e na subjetividade das crianças. Selecionei alguns trechos importantes, considerando a relação ama/bebê /criança que ajudarão na reflexão desse trabalho.

As amas eram grandes “cantadoras e contadoras” de histórias que ainda permanecem na memória brasileira. As tradições portuguesas eram transformadas ou enriquecidas por elas.

O menino brasileiro viu-se, rodeado, dos maiores e mais terríveis assombrados, do que todos os outros meninos do mundo... Nas praias o homem marinho – terrível devorador de dedos e nariz. No mato, o saci-pererê, o caipora, o homem dos pés às avessas, o boitatá, o tatu-marambá. Nos rios o sapo-cururu. De noite, as almas penadas... (FREYRE, 1984).

A influência na música foi importante. As quadrinhas de ninar eram cantadas docemente ao lado do berço:

Durma, meu benzinho,
Eu a cuca j'ei vem;
Papai foi na roça,
Mamãe logo vem.

Frequentes, também, eram as músicas que assombravam:
 Fecha porta, Rosa,
 Cabeleira eh-vem
 Pegando mulheres,
 Meninos também!

E a ama só tinha que gritar para o menino chorão: “Cabeleira vem aí!” (FREYRE, 1984).

A linguagem se amoleceu, ao contato da criança com a ama, pois o processo de reduplicação da sílaba tônica, tão das línguas selvagens e tão da linguagem das crianças, atuou sobre várias palavras dando ao nosso vocabulário infantil um especial encanto.

O dói dos grandes tornou-se o “dodói” dos meninos. A ama fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles: cacá, pipi, bumbum, neném, papá, papato, cocô, dindinho, etc. O mesmo nos nomes próprios: As Antônias ficaram Totonhas, Toninhas; as Teresas, Tetés; os Manuéis, Nezinhos, Mandus, Manés; os Franciscos, Chico, Chiquinho, Chicó, etc. (FREYRE, 1984).

A transmissão cultural das amas negras também se deu na “medicina” da época, com as “efusões de cura”, feitas com ervas, que elas davam aos bebês ou que untavam seus corpinhos, de acordo com a doença. Uma proteção mítica rodeava o recém-nascido, pois as amas, através de suas crenças religiosas criavam amuletos e colocavam nas crianças para “espantar doenças” e o “mau-olhado”. Essas influências eram, às vezes, repudiadas, mas, muitas vezes, consentidas e incentivadas. Os seus senhores requisitavam os chás afrodisíacos, por acreditarem que o negro era mais potente sexualmente e, frequentemente, usavam o “servilismo” das amas para saciarem seus desejos.

A primeira infância era repleta de dengos, de banhos mornos, de mimos e de cafunés. A mãe-preta dava à criança o primeiro pirão com carne, amolengando a comida em suas mãos. Coçava suas perebas, tirava seus bichos-de-pé e a fazia dormir agarrada ao seu colo. Esses mimos, em certos casos, prolongavam-se por toda segunda infância e muitas crianças não conseguiam dormir sozinhas e corriam, toda noite, para as “camas-de-vento” de suas amas. Freyre destacou, como sociólogo, nas suas pesquisas, a influência dessas experiências na personalidade das crianças, assinalando alguns relatos de homens que ti-

veram contato intenso com suas amas. Escolhi dois relatos que evidenciam a transmissão cultural, nessa complexa relação desenvolvida no seio da família patriarcal e escravocrata:

[...] Essa adorada Antônia a quem me acostumei a chamar de minha mãe preta... Nunca vi criatura tão meiga e nunca vi ninguém rezar tanto. Dormia comigo no mesmo quarto e, quando, por alta noite, eu acordava, lá estava ela ... de joelhos ... rezando... Bem cedo aprendi as orações e habituei-me tão intensamente a considerar a religião como coisa séria, que ainda agora a tenho na conta de uma criação fundamental e indestrutível da humanidade. Ai de mim! Não rezo mais, mas sinto que a religiosidade jaz dentro do meu sentir inteiriça e irredutível. (FREYRE, 1984).

Um rapaz declara para um amigo, que para excitar-se diante da noiva branca: “precisou nas primeiras noites de casado, levar para alcova a camisa úmida de suor da minha ama negra ... que com ternura me iniciou no amor físico.”

A relação da ama criadeira expressava uma duplicidade para a família – podendo levar para dentro de casa todos os “males” que por ventura fosse portadora ou toda bondade e carinho esperado de alguém que cria uma criança que não é seu filho. A relação dos senhores com a ama era totalmente ambígua. (FREYRE, 1984).

No universo psicanalítico, as babás foram colocadas em cena por Sigmund Freud no final do séc. XIX. Alguns casos foram destacados nos “Estudos sobre a histeria” (BREUER; FREUD, 1895) como o da governanta inglesa, Miss Lucy R. entre outros. Esses casos ficaram conhecidos, na literatura freudiana, como aqueles que influenciaram suas reflexões na construção da sua “Teoria da Sedução”. Freud, por algum tempo, atribuiu a causa da histeria a um trauma infantil de natureza sexual, sofrido por seus pacientes, como abusos e atentado ao pudor por parte de membros de sua família mais próxima – pais, tios, irmãos, tutores ou babás. Em 1897, começou a duvidar dessa proposta, expressando numa carta a Fliess (1887-1904): “Não acredito mais na minha neurótica” e passou a tratar as denúncias de seus pacientes como

sendo fantasias. Plastino, C. A. (1993) considera que o abandono da teoria do trauma foi sentido como um momento de perplexidade para Freud e, que, na verdade, indícios de realidade, na base das fantasias, continuaram sendo sempre defendidos por Freud.

Quase todos os pacientes jovens de Freud tinham babás e/ou governantas. A partir das análises desses casos, Freud, como psicanalista, percebe a importância do vínculo construído entre a babá e a criança e constata a sua influência na vida afetivo-emocional da criança e suas consequências na fase adulta. As babás eram, de fato, onipresentes nos romances familiares dos círculos sociais conhecidos de Freud. Vou destacar alguns exemplos de experiências vividas pelos pacientes e pelos seus filhos com as babás:

O menino Hans, que tinha fobia por cavalos, cavalga a empregada e a intima a tirar a roupa; o Homem dos lobos, como Freud, tivera também uma babá camponesa que lhe contava insistentemente histórias religiosas; Dora tinha duas governantas: uma da qual amava e outra que abominava, além do fato da babá das da família K ter sido seduzida pelo dono da casa; Matilde, a filha mais velha de Freud, teve uma mãe-de-leite de quem gostava muito e, a família manteve contato com ela e com sua família durante anos; outro filho de Freud costumava se machucar repetidamente. Freud mais tarde dirá: atribuo isso a uma ligeira histeria – ele foi o único a quem a antiga babá tratava mal. (MASSON; JEFFREY, 1974).

Freud teve também como referência a experiência com sua babá.

A babá que cuidou dele até dois anos e meio era uma tcheca, devota católica apostólica (na época havia movimentos tchecos contra os judeus). A mãe de Freud, lembrava dela, como uma mulher de idade madura, feia e esperta; alimentava seu pupilo com histórias piadas e arrastava-o à igreja. “Então”, a mãe contou a ele “quando você voltava para casa, você rezava e nos contava o que faz Deus todo poderoso”. A babá fez mais, embora não esteja claro exatamente o quan-

to: ela atuou, sugeriu Freud, um tanto indiretamente, como sua mestra em questões sexuais. Ela era rude e muito exigente com o menininho precoce mas, Freud achava, que ele a amava também por isso (GAY, 2012).

Considerando o singular complexo cultural do Brasil e amparada na psicanálise, fiz esse simplificado passeio histórico e teórico para pensar o lugar psicossocial ocupado pela pessoa da babá nas famílias brasileiras. A babá hoje é demasiadamente presente nas famílias de classe média e alta no Brasil e contribui com as tramas e os dramas no romance familiar das famílias. Ela interfere, tanto na economia doméstica como na afetiva tornando-se, portanto, fundamental na manutenção da família hoje. Mas, acredito que o imaginário que recobre esse personagem nas “novas famílias” mudou muito pouco. A ambiguidade continua visível na relação dos patrões com a babá – percebe-se um jogo de visibilidade/invisibilidade. Afetos e contratos se cruzam. As famílias não podem prescindir dela, mas “apagam” o valor do vínculo criado com seus filhos. Podemos pensar que, na fantasia parental, ela se apresenta como um abjeto – algo rejeitado, mas do qual não abrem mão. A função crucial da babá fica então engolfada num ponto cego. A babá cuida do bebê/criança numa intensa intimidade, durante muitas horas do dia (e, às vezes, toda noite) até os pais chegarem do trabalho. Porém, essa realidade não é transparente na maioria das famílias. O texto vem apontando para a relevância dessa relação e para a influência das experiências vividas pela dupla babá -bebê na construção da subjetividade da criança. Porque não se dá a devida importância a essa questão?

A babá não é falada nem para abordar aspectos, que devido a sua função, interferem na sua subjetividade pois, muitas vezes, deixa seus filhos para cuidar dos filhos dos patrões; nem para esclarecer sobre a sua inserção social na família da criança que ajuda criar. Ela, “mãe substituta/contratada” sabe, que por mais amor que venha sentir pela criança que cuida, chegou a esse vínculo pela busca de sobrevivência. Pouco se fala também das fantasias e conflitos da mãe que delega o exercício de uma parcela importante da tarefa materna à babá. E, nunca se fala da relação da babá, com os pais, principalmente, com a mãe colocando em pauta a tríade já mencionada “mãe-bebê-babá”. E o lugar do pai? Será que a mãe “pós-moderna” encarna, em parte, a função do pai no sentido de incorporar a lei e barrar a intimidade entre a babá e a criança? Temos aí um complexo de emoções, de conflitos, de visões de mundo distintas e de universos morais concorrentes que ficarão para reflexão num próximo trabalho.

Concluindo, quero focar na questão anunciada no trabalho, reafirmando, após uma breve pesquisa, a importância da relação babá-bebê e seu impacto no psiquismo infantil. No início da vida, o bebê vai depender, em alto grau, dos cuidados adaptativos do ambiente e de uma “mãe devotada comum” favorecendo seu amadurecer.

Tentei desenvolver esse tema que tanto Freud e Klein evitaram – a implicação plena da dependência... Se a dependência realmente significa dependência, então a história de um bebê individualmente não pode ser escrita apenas em termos do bebê. Tem que ser escrita também em termos da providência ambiental que atende a dependência ou que nisso fracassa. (WINNICOTT, 1983).

Lembrando aqui da nossa herança cultural patriarcal, escravocrata, penso no quanto nós brasileiros prolongamos a dependência (dependentes dos “mimos”, dos “dengos” ofertados pela mãe preta?). Parece que esta situação também atravessa a relação entre a mãe e a babá, ficando, por vezes, a mãe superdependente da babá, complicando essa relação já tão conflituosa com mais um elemento. A dependência sustentadora do amadurecimento tem que ser atendida apenas “suficientemente bem”!

O conceito desenvolvido mais tarde como “mãe suficientemente boa”, não foi bem compreendido, por alguns estudiosos psicossociais, o que gerou muitas críticas, pois consideravam o termo culpabilizante. Parece ter sido esse o grande equívoco de Elizabeth Badinter. Não há nesse conceito nenhuma referência à moral nem à ideal (mãe boa/mãe má). Apenas que o atendimento às necessidades do bebê seja “suficientemente bom” – nem mais, nem menos. O que Winnicott vai destacar como fundamental é a “continuidade” do atendimento, de preferência por um cuidador devotado, (ou por um número mínimo de pessoas) para que a “confiança” se instale – fator essencial para o bebê fazer do mundo sua morada.

A devoção está longe de definir-se como só das mulheres e sequer só de mães biológicas. Muitas famílias adotivas são exemplo de devoção e de cuidado que transcende as organizações familiares tradicionais de laço sanguíneo. O que acontece é um encontro inter-humano. Winnicott aponta para isso quando, em vários textos, acrescenta que o cuidado, o holding, pode ser feito também por uma “mãe substituta” – destaco aqui a babá. Ele confirma essa

ideia, quando desenvolve o conceito de identificação primária e o de elemento feminino puro, no seu belíssimo texto “A criatividade e suas origens” e abre para pensarmos, que a experiência vivida por todo ser humano, que, quando bebê foi “cuidado”, possibilita o desenvolvimento da condição, em si, de ser também um cuidador criativo. A devoção acontece de forma espontânea, autêntica. Diante de tudo que foi exposto, da realidade vivida pela família atual e da presença das babás na organização familiar, acredito que seria importante alertarmos os pais para o “cuidado” com a dupla “babá-bebê”. Sei que alguns temas anunciados nesse trabalho precisariam ser estendidos e aprofundados. Uma questão fica no meu pensamento: A plasticidade e a flexibilidade do ser humano é grande. Será que não estão surgindo, neste novo contexto cultural, novas condições cerebrais e psíquicas que possibilitem também os bebês e as crianças organizarem novos arranjos psicossomáticos e mentais para construir suas subjetividades?

Regina Celi Bastos Lima
reginacbl@hotmail.com

Referências

- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BREUER, J.; SIGMUND, F. Estudos sobre a histeria. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).
- DIAS, E. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2012.
- FREYRE, G. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GOMES, C. S. Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. *Revista de Estudos Feministas: IBGE*, 2002.
- MASSON, J. *Atentado a verdade: a supressão da teoria de sedução por Freud*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- PLASTINO, C. A. *A aventura freudiana*. Rio de Janeiro: UFRJ/Tempo Brasileiro, 1993.
- ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANDRE, P. G. Amamentação e sexualidade. *Revista de Estudos Feministas*: IBGE, 2003.

FREUD, S. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelmin Fliess (1887-1904). Rio de Janeiro: Imago, 1986.

WINNICOTT, W. D. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.